18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO
EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11 - 14 / AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS

ENEPEA 2026

O QUINTAL COMO LUGAR DE ENCONTRO

Experiência fenomenológica da paisagem no cotidiano

Paisagens e memórias

THE BACKYARD AS A PLACE OF ENCOUNTER

Phenomenological experience of landscape in everyday life

BARRETO, Cecília
Mestranda | FAU-USP | São Paulo, SP, Br | barreto.cecilia@usp.br | ORCID: 0009-0003-3855-7779

QUEIROGA, Eugenio
Prof. Titular | FAU-USP | São Paulo, SP, Br | queiroga@usp.br | ORCID: 0000-0002-7102-1138

RESUMO

Este trabalho investiga o quintal residencial – e, por extensão, terraços e varandas – como paisagem cotidiana e lugar de experiência da paisagem: lugar de encontro, memória e contemplação, pouco tematizado nas leituras clássicas do paisagismo. Parte-se do problema de compreender de que modo o quintal, enquanto espaço livre de uso indeterminado e marcado pela apropriação contínua, pode constituir vínculos afetivos e simbólicos ao longo da vida, incluindo sua dimensão formativa na infância e seu potencial de descanso na vida adulta. Adota-se a abordagem fenomenológica qualitativa, articulando revisão bibliográfica com a interpretação de depoimentos provenientes de pesquisa exploratória anterior. Os resultados evidenciam o quintal como rascunho (espaço aberto ao improviso), como âmbito de aprendizagem sensível e liberdade na infância, e como lugar de pausa e reconexão com o *outro* no cotidiano. Conclui-se que o quintal amplia o debate sobre espaços livres ao valorizar experiências ordinárias do habitar, muitas vezes relegadas a um plano secundário nas leituras da paisagem.

Palavras-chave: quintal urbano; paisagem cotidiana; fenomenologia da paisagem; memória; espaços livres privados.

ABSTRACT

This paper investigates the residential backyard – and, by extension, terraces and verandas – as an everyday landscape and a site of landscape experience: a place of encounter, memory, and contemplation, seldom addressed in traditional landscape design scholarship. It begins with the problem of understanding how the backyard, as an open-ended free space shaped by ongoing appropriation, can foster affective and symbolic bonds throughout life, including its formative dimension in childhood and its potential for true rest in adult life. A qualitative phenomenological approach is adopted, combining a bibliographic review with the interpretation of testimonies drawn from a previous exploratory study. The results highlight the backyard as a draft space (open to improvisation), as an realm of sensory learning and freedom in childhood, and as a site of pause and reconnection with the "other" in everyday life, The paper concludes that the backyard broadens debates on open spaces by foregrounding ordinary dwellings experiences, often relegated to a secondary place in landscape readings.

Keywords: *urban backyard; everyday landscape; landscape phenomenology; memory; private open spaces.*

1 INTRODUÇÃO

> In una piccola casa nel cuore della città/ c'è un giardino nascosto che nessuno si può immaginare,/ nel giardino c'è un melograno coi rami in fiore/ e tra i sassi del muro nascono le viole.../ Devi dirmi dov'è questa casa dei fiori:/ è da sempre che cerco la casa dove posso tornare,/ devi dirmi dov'è, perché voglio venire anch'io,/ non lasciarmi da solo.../ Bussa pure alla porta, mia madre ti aprirà,/ Lei è ancora più bella di quello che puoi immaginare,/ nella casa del melograno c'è sempre il sole/ e la brezza di sera ti fa sentire il mare... / Devi dirmi dov'è la tua casa dei fiori:/ è da sempre che cerco la casa dove posso tornare,/ devi dirmi dov'è, perché voglio venire anch'io,/ fammi stare con te.../ Segui il raggio di luce e la luce ti porterà/ dove il dubbio ritorna domanda e rinasce il cuore:/ nel giardino c'è Dio che ti aspetta e ti vuole parlare/ puoi sederti vicino vicino ad ascoltare... (Chieffo, 2017)

O quintal, entendido como espaço livre do terreno da habitação, ocupa um lugar ordinário e marginal às leituras clássicas do paisagismo e pouco tematizado enquanto lugar de experiência cotidiana, memória e construção de vínculos afetivos. Em contraste com os espaços livres públicos amplamente analisados pela literatura – ruas, praças e parques –, o quintal situa-se no limiar entre casa e fora de casa, entre o privado e o social, configurando-se como um território fluido, de uso não determinado, marcado pela informalidade, pela adaptação contínua e viva ao longo do tempo. Tal condição suscita a hipótese de que o quintal pode ser compreendido não apenas como suporte físico do cotidiano doméstico, mas como um âmbito de experiência da paisagem, no qual se relacionam a percepção sensível, a memória e a relação com o "outro".

> Os espaços livres privados constituem boa parte dos espaços livres das cidades brasileiras, apresentando importância no sistema de espaços livres urbanos, sobretudo pelo aspecto de complementaridade funcional, mas também contribuindo em aspectos ambientais – da escala do lote à das metrópoles. São quintais, jardins, estacionamentos de centros comerciais ou de logística, pátios fabris, vias de acesso de condomínios, são também lotes e glebas urbanas desocupadas, com diferentes graus de cobertura vegetal. Nesses locais, ocorre importante parcela da vida cotidiana, do trabalho doméstico ao corporativo, das festas familiares ao lazer em clubes, etc. (Queiroga, 2014, p.125)

No recorte deste trabalho, dentre os espaços livres privados, interessa especificamente o quintal residencial – e, por extensão, terraços e varandas – por sua relação direta entre o habitar e o espaço livre. Apesar de sua relevância no Sistema de Espaços Livres (como definido por Macedo et al, 2018), os quintais permanecem pouco abordados como paisagens vividas e como lugar de formação de vínculos sensíveis com a paisagem. A partir dessa perspectiva, coloca-se o seguinte problema de pesquisa: de que maneira o quintal, enquanto espaço livre, paisagem cotidiana, não necessariamente projetado segundo as lógicas comerciais do paisagismo, pode ser compreendido como lugar de experiência de paisagem, de formação de vínculos afetivos e de construção simbólica ao longo da vida? E, ainda, quais elementos dessa experiência permitem pensar o quintal – e os projetos de quintal – como um âmbito de aprendizagem sensível na infância e como espaço de contemplação e descanso – em resistência à lógica produtivista do trabalho – na vida adulta?

O objetivo geral da pesquisa é compreender o quintal como lugar de experiência paisagística e de constituição de memórias e afetos, investigando seu papel na infância e no cotidiano da casa.

Como objetivos específicos, busca-se (i) discutir o espaço do quintal e suas apropriações; (ii) analisar sua relação com a formação de vínculos sensíveis com a paisagem, especialmente na infância; e (iii) refletir sobre o quintal como "rascunho", e a potencialidade desse espaço aberto ao improviso, à transformação e à experiência do imprevisto.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho adota uma abordagem qualitativa de base fenomenológica, compreendendo a paisagem como experiência sensível que emerge do encontro entre sujeito e mundo. A análise articula revisão bibliográfica no campo da paisagem e da educação sensível com a interpretação de depoimentos obtidos em pesquisa exploratória anterior, realizada no contexto de um trabalho final de graduação. As entrevistas foram conduzidas de forma semiestruturada, privilegiando a narrativa livre dos participantes sobre suas experiências em quintais ao longo da vida. O foco recaiu sobre a descrição de vivências, lembranças, práticas cotidianas e relações afetivas estabelecidas com esses espaços.

Foram feitas 10 entrevistas com moradores de residências unifamiliares com quintais, ou de unidades de residências multifamiliares com terraços e experiências de lazer ao ar livre, das quais somente 6 tiveram trechos recortados para o presente trabalho. Os depoimentos são apresentados de forma anonimizada e utilizados exclusivamente como fragmentos de experiência, não havendo análise de dados pessoais ou sensíveis. Trata-se, portanto, de material de caráter exploratório, mobilizado para fins de reflexão qualitativa sobre a experiência do espaço, e não como levantamento sociológico de perfis. Essa estratégia permite preservar a dimensão fenomenológica da pesquisa, na medida em que privilegia a descrição da vivência e a emergência de sentidos atribuídos ao quintal pelos próprios sujeitos.

Estruturalmente, este trabalho organiza-se em três eixos: o quintal como espaço de rascunho e de uso adaptável; o quintal na infância como âmbito de formação de vínculos com a paisagem; e o quintal como lugar de contemplação, memória e experiência sensível no cotidiano. Ao situar o quintal entre o interno e o externo da casa, entre o funcional e o simbólico, busca-se contribuir para a ampliação do debate sobre os espaços livres na cidade, incorporando a dimensão do cotidiano e da experiência vivida à compreensão da paisagem.

2 O QUINTAL

O quintal é um espaço externo, com ou sem construções, anexo a uma residência. É um espaço de rascunho: ora é onde parte da rotina dos afazeres da casa acontece, como secar as roupas no varal, quará-las, sendo uma extensão da lavanderia, ora pode ser uma extensão do quarto ao esticar-se para tomar um sol, ou descansar em uma rede; também pode se tornar uma sala de visitas ou de jantar quando o espaço construído não comporta todos os convidados – ou simplesmente porque estar do lado de fora da casa é mais agradável; é muitas vezes parte da cozinha tradicional brasileira com suas churrasqueiras e fogões a lenha; e quando as visitas já não estão e os filhos estão na escola, é um lugar que convida ao silêncio, podendo ter até a função de escritório.

> "as pessoas entram nessa [casa] –um pouco como vocês fizeram [atravessando hall, sala de estar, cozinha] –quando é de dia, então, as pessoas entram ali [no quintal], elas fazem assim "ah que gostosa a sua casa!" e elas vão andando assim, e elas falavam aqui, "ah que interessante a sua casa!" Eu penso aqui é o quintal, né? Pois é, elas têm uma atração pelo quintal, né?" (Entrevistado 01. 2023)

Como espaço configurando no terreno, é um lugar seguro, onde as crianças podem brincar e correr livremente, sem preocupar seus responsáveis com os perigos da rua, do mundo externo à casa. É um lugar de encontro, tanto com os amigos para um chá da tarde, quanto com a natureza, o céu, os pássaros e as plantas, que proporcionam um aprendizado, um esforço, uma pergunta sobre o cuidado. O quintal, quando presente, é um dos primeiros espaços de intimidade das crianças – portanto de todas as pessoas – com a paisagem, intimidade como um contato pessoal e individual como parte da própria natureza.

> [...] assim, vamos aprendendo que a paisagem não é apenas uma representação mental ou uma obra da cultura. [...] Mais imediatamente ainda, essa realidade paisagística apresenta-se ao ser humano num encontro concreto, diversamente modulado nos seus conteúdos e formas. Ou seja, a paisagem é o atestado da existência de um 'fora' de um 'outro'. [...] A paisagem é primeiramente sensível, uma abertura às qualidades sensíveis do mundo. (Besse, 2014, p.45).

Essa intimidade com a paisagem é como descreve Bartalini, 2018, a experiência da paisagem:

> A experiência da paisagem não se confunde, segundo acreditamos, com a de qualquer conjunto de objetos dispostos mais ou menos artisticamente, nem nos desinquieta a afirmação de que a paisagem "é justamente este evento, singular e sempre diferente, da exterioridade como tal, à qual a experiência expõe todo aquele que se arrisca numa confusão e numa tensão entre o eu e o mundo que, a bem dizer, se extasiam" (Besse, 2009, p. 53 in Bartalini, 2018, p. 27).
>
> Se a exterioridade de um conjunto de árvores não basta para que se tenha uma paisagem, caso não se opere o encontro, a meio caminho, entre um sujeito que vai para fora de si mesmo em direção a "um fora sem objeto" (Idem), menos ainda bastaria a exterioridade de um conjunto de objetos artificiais para que houvesse paisagem. A presença da natureza e a nossa presença diante da natureza, parecem-nos indispensáveis para que se possa falar em experiência de paisagem. Mais ainda, trata-se de presença, e não de mera representação. (Bartalini, 2018, p. 27)

Dessa forma, o quintal pode ir além do espaço físico dentro do terreno, o quintal pode ser a rua, quando ela é esse espaço onde se coloca as cadeiras pra fora no fim do dia para sentir a fresca da noite e conversar com os vizinhos enquanto as crianças jogam bola ou andam de bicicleta; o quintal pode ser o hall do prédio quando é ali que as crianças podem brincar livremente; pode ser também a laje da casa, uma varanda, porque esses espaços oferecem o contato com o céu, o sol, os pássaros, com um "outro" que independe da gente. Quando se diz quintal aqui, refere-se a esse lugar cotidiano em que é possível fazer esse encontro com o *outro*, em direção a um fora sem objeto.

2.1 Quintal: rascunho

Chama-se aqui de *rascunho* a condição programática flexível do quintal. Nessa flexibilidade que está a possibilidade. A beleza do quintal não está no belo projeto que o arquiteto desenhou para aquele espaço – quando há projeto – mas, sim, no encontro que acontece da pessoa que ali para e olha com o que está sendo olhado: seja seu grande espaço para estender a mesa de jantar, ou a florzinha que dia após dia deixa de ser uma gema, passa a ser um botão, esse botão cresce, às

vezes muda de cor anunciando já a flor que se abre em seguida, e muitas vezes não dura muito, só os olhos atentos a veem. Ou olhar a bananeira:

> "um pouco também para entender que aprender que a bananeira ela dá a vida pelas bananinhas, né? Porque depois que nasce o cacho, ela morre. Então, e ela morre no auge da beleza, porque quando ela tá maior assim, né, e aí você tira o cacho e aí pode cortar a bananeira. Mas já tem um monte de bananeiras vindo assim, num degradê assim [gestos escalonados com a mão]. É incrível a programação genética entre elas, quer dizer, porque eu não sei quem é que faz a coordenação, porque é assim, ó, porque, elas vão morrer e elas têm que dar banana, tem que estar tudo programado. Agora, eu não sei onde é que tá o gerenciamento central, entende? – que cuida disso, porque elas morrem, então não sei qual é a chefa que organiza isso, e tal, né?" (Entrevistado 01. 2023)

Por mais planejado que seja o espaço livre, quando quintal, dentro da habitação, envolto na rotina cotidiana, é espaço de rascunho, porque não há definição do que se faz naquele lugar: por mais que se deseje sol, pode chover e a chuva criar poças e daí surgir uma brincadeira que não estava planejada. Ou mesmo a circunstância cotidiana de correr para tirar as roupas do varal: fato não projetado e planejado.

2.2 O quintal como âmbito

Empresto de Alfonso López Quintás (apud BRANDAO, 2005), filósofo da educação, o conceito de âmbito para falar dos quintais. Quintás defende a ideia de que é essencial para a formação de uma criança, desde o princípio, que ela seja capaz de conhecer a realidade e ter discernimento para avaliá-la. Assim categoriza a realidade em dois níveis: o primeiro, *objetivo* – a casa, o brinquedo, as plantas etc. – e o segundo *inobjetivo* – os relacionamentos humanos, a experiência artística, os sentimentos etc. – que pode este ser entendido como "um campo de realidade". Dessa relação entre o primeiro nível e o segundo nível da realidade, surge o âmbito:

> "que indica a potencialidade que determinados níveis de realidade têm para estabelecer um relacionamento, para 'responder' a uma pro-vocação, gerando possibilidades totalmente novas" (BRANDÃO, 2005).

O quintal então pode ser âmbito, pois, como define Quintás (apud BRANDÃO, 2005), é um lugar no qual "é possível estar e expressar-se com liberdade, encontrar acolhimento e abrigo para o próprio ser", um "espaço físico e espiritual, constitui uma exigência radical do ser humano".

Âmbito, do alemão *raum*, significa o espaço que se abria dentro de um bosque para construir-se ali uma morada, um espaço livre, aberto com esforço, para ser habitado. O quintal é âmbito na infância porque provoca diversas brincadeiras, jogos e relações que em outro lugar não poderiam existir. E é âmbito também na vida cotidiana adulta, ao permitir o relacionamento com a natureza – âmbito originário do ser humano que possibilitou diversos relacionamentos criativos ao longo da história das civilizações.

No cotidiano, o quintal é lugar de sol, de leitura e descanso, mas também de relacionamentos por vezes inesperados com as plantas e animais que por ali passam.

Os âmbitos da infância – as experiências feitas na tenra idade – deixam marcas que são levadas para o resto da vida, como certas tradições viajam para outros continentes carregadas na

memória, a exemplo, as casas portuguesas que, aqui no Brasil também, costumam ter a parreira no quintal, ou em simples afetos de repetir a planta que havia na casa dos avós no próprio quintal, porque ela significa mais do que o simples fato de sua existência para a pessoa que carrega essa memória consigo:

> …eu fiquei pensando que na minha casa de origem tinha uma parreira, e eu nunca entendi por que tinha uma parreira. Só quando fui a Portugal que eu entendi que lá eles têm muitas parreiras, então talvez tinha aquela parreira por causa da história do meu pai, que era português e que tinha na terra dele muita parreira, o que qualquer outro lugar eu nunca tinha visto casa com parreira, sabe? (...) era tudo como um espaço de terra mesmo, né, e lá também tinha roseira, né, e algumas verdurazinhas, né, que depois eu acho que consigo entender isso quando fui a Portugal, e que eu vi que as pessoas tinham uma coisa que eles chamavam de quintas, né, que são espaços de terra que eles têm os legumes, que eles têm as coisas que eles, as verduras, que eles plantam pra um próprio consumo, né –c. como se fosse uma horta? -exato! Como a gente tem a horta. Agora, na minha casa mesmo depois que a gente mudou para uma casa que, depois que meu pai morreu, a minha mãe não tinha muita tradição de ter muita planta, né, só um pouquinho na frente e o quintal não tinha absolutamente nada. (Entrevistado 02. 2023)

Por ser âmbito – lugar de aprendizagem e criação de relações na infância, o quintal é também o lugar de liberdade, onde as crianças podem ter sua imaginação solta, caminhar livre, ser independentes como conta um dos entrevistados:

> Eu me lembro uma vez, o meu irmão [...] subiu na goiabeira e ele não sabia descer. Ele começou a chorar, e, tipo, para mim naquela época era muito longe para chamar minha avó, ele era pequenininho pra ficar um tempão lá até eu ir lá na minha avó, eu lembro que eu falei “pula que eu te seguro!” ele: “Posso pular?” “Pode!” pum, caiu [conta entre gargalhadas]. A ideia né, sei lá, eu era pequena, achei que fosse conseguir segurar, né? (Entrevistado 03. 2023)

> Mas era esse lugar de brincar, de bagunça, sabe, de correr, de molhar, de poder criar, sabe? De ‘tá também mais... fazer umas brincadeiras tanto individual quanto coletiva. Nossa, mesma coisa pras meninas aqui. No quintal elas são mais contentes do que dentro de casa. Mais livres. Se sentem mais livres sabe? Do que dentro de casa. (Entrevistado 04. 2023)

É âmbito também porque, sendo esse lugar de sombra e respiro, é lugar de contemplação e descanso, podendo corresponder a questões urgentes do mundo contemporâneo, como coloca Byung-Chul Han (2017) à figura do *animal laborans* contemporâneo - o sujeito moldado pelo excesso de positividade, desempenho e autoexploração -, para quem o descanso se torna incômodo e a contemplação, uma ameaça ao desempenho, nessa “sociedade do excesso” não há verdadeira liberdade, pois “ela acaba gerando novas coerções. É uma ilusão acreditar que quanto mais ativos nos tornamos tanto mais livres seríamos” (Han, 2017, p. 52). Em contraponto a essa lógica, o quintal oferece uma paisagem onde o tempo desacelera, onde a vida acontece sem espetáculos, sem métricas rígidas, sem pressa, como podemos desenhar com as descrições dos entrevistados:

> Então [o quintal] tem essas 2 funções. Quer dizer, eu uso como um trabalho, que elas dão muito trabalho, uso como um momento de silêncio, admiração, porque eu contemplo, eu gosto de olhar... Somente se eu ‘tiver triste, eu vou

> lá olhar, aí eu digo: Ó, tá bonito, vai C., né, isso aqui ficou bom, né? Então ele me ajuda a respirar. É um lugar de fazer churrasco, reunir os amigos. É o lugar de comer, é o lugar também de sentar e tomar sol para ler e acho que usa assim. (Entrevistado 01. 2023)

> Olha, eu acho que quintal é como se fosse a cama da casa, sabe, assim? Você pode deitar a sua vida um pouco, que é diferente de deitar só o corpo. Você pode deitar a vida, a vida pode se esparramar assim, sabe? O Manuel fala que o quintal dele era maior que o mundo. Então, você imagina. É um pequeno universo. Cada um do seu modo, uns mais de um jeito, às vezes, um pouco mais organizado. Mas pensando assim no quintal, esse quintal, que é um lugar que quase que já existe por si, né? E ele que joga para a gente as suas demandas, ele que nos orienta como ficar nele. E aí a gente, eu não sei, é como se fosse esse abraço, esse conforto. Como se a casa fosse uma pessoa e na hora que ela precisa descansar ela deita no quintal, assim sabe? O quintal é esse lugar de conforto mesmo. A casa pode ser muito simples e o quintal sempre conforta a gente. Se eu ficar pensando na casa da avó, que era uma casa muito, muito, muito simples, o quintal também muito, muito, muito simples, mas eu sentia um conforto, sabe? Que conforto é isso, é você se sentir muito bem, né? E a gente se sentia muito bem. Eu acho que a gente pode estar aqui até doido às vezes. As vezes vivendo uns problemas bem graves, então o quintal consegue confortar, assim. Às vezes a gente fica que, ai, meu Deus, ... mas isso aqui é bom. A gente tem que agradecer, né? O que a gente tem, sabe? Não sei, quintal é isso, é como se fosse uma cama da casa, um lugar que a casa deita, a casa como um todo. [...] Quintal é esse pequeno universo, muito íntimo, muito seu, assim. E que, de repente, você dá pra alguém, vem pra cá. Aí você dá, você pode dar, é sua vontade, dá mil vezes, ele não acaba. Quintal tem isso, né? Ele não acaba. (Entrevistado 05. 2023)

2.3 O quintal como lugar de contemplação

Diante da questão do papel do quintal na cidade grande, como cultura, ideia, desejo e memória, convidou-se os entrevistados a descreverem um pouco de suas casas, das vivências com os quintais por onde passaram e onde habitam. Veio então a importância do céu, da luz, do horizonte. São aspectos desejados e valorizados por aqueles que possuem os quintais em sua casa. Muitas vezes, a primeira coisa que se faz ao levantar – em um movimento de abertura de si – é abrir a casa para o fora, para o sol, para o céu e para a luz, às vezes recebendo um horizonte, acordando a vista, como descreve um dos entrevistados a respeito do seu terraço:

> [...]Tanto que a gente fez um projeto de arquitetura todo muito aberto, um grande vão aberto, uma espécie de mezanino, não é que a gente aproveitou toda a possibilidade de usar o chão em cima, mas usar o céu, deixar tudo muito aberto, muita luz. Então foi um terraço pensado, um terraço que a gente desejou e construiu, isso, não era um improviso. [...] (Entrevistado 06. 2023)

Esse desejo por céu e luz a cima exprimido é também desejo de abertura de si e abertura à experiência de paisagem. O quintal também é fonte de sombra e respiro, pausa. Um dos entrevistados diz que é muito diferente conversar debaixo de uma árvore ou dentro da sala de estar, um outro diz:

> [...] eu acho assim, que eu tenho uma necessidade muito carnal de natureza, muito. Eu fico falando pro meu marido "se um dia acontecer alguma coisa comigo, eu ficar sem voz, perder a consciência, não me deixa no meio do cimento, me põe debaixo de um pé de manga" eu vou ser infeliz se eu estiver no meio do cimento. Eu acho que o quintal é esse ponto assim de conexão minha com a natureza real. Eu tenho uma coisa muito forte também com bicho, não com bicho – gato, cachorro – com borboleta, com cigarra, com a lagarta, tem gente que fala que pra ter planta não dá pra ter bicho, eu adoro bicho, então fico feliz de ter borboleta, então eu fico feliz de ter lagarta! [...] Adoro aranha! Lá em casa é cheio de aranha, [...] eu acho que é esse ciclo da gente ser, ser próprio da natureza, ser parte da natureza, por mais simples que seja um terraço... Por mais desproporcional que pareça ser, mas é uma necessidade humana…" (Entrevistado 06. 2023)

Ou então

> A gente de noite, às vezes ela [a cadela] fica dentro da sala, aí a gente põe lá fora Carlota fazer xixi, aí, está escuro, a gente sobe no escuro, que é bom ficar no escuro. A gente tem mania também de achar que tudo tem que ser iluminado, né? E a parte lá do fundo, era meio escura, mas a gente gosta, a gente não liga não. (Entrevistado 05. 2023)

O escuro e a sombra são sinônimos de desaceleração, em oposição à iluminação extrema que temos nas telas e nas ruas com lâmpadas de LED branco, coincidentes com a necessidade de hiperprodução que nos afastam da natureza, deixando uma "necessidade carnal": lembrando que o corpo – como mediação fenomenológica – permanece parte do mundo natural.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender o quintal residencial (como experiências cotidianas ao ar livre, por extensão, terraços e varandas) como lugar de experiência fenomenológica da paisagem, de formação de memórias e afetos, e de constituição de vínculos sensíveis no cotidiano. A partir da revisão bibliográfica e da interpretação de depoimentos colhidos em pesquisa exploratória anterior, identificou-se que o quintal, embora frequentemente marginal nas leituras tradicionais do paisagismo, atua como âmbito de relação entre sujeito e mundo, em que o espaço livre é vivido não apenas como suporte funcional, mas como campo simbólico e sensível.

Os relatos analisados indicam, em primeiro lugar, que o quintal se configura como espaço de rascunho: sua flexibilidade de usos permite que funções domésticas, lazer, encontro e recolhimento coexistam e se alternem conforme a rotina, os acontecimentos climáticos e as circunstâncias da vida. Essa abertura ao improviso – como a urgência de recolher as roupas do varal, o surgimento de poças em dias de chuva, ou o simples ato de permanecer em silêncio – constitui uma qualidade espacial que não se reduz a uma intenção de projeto, mas emerge do uso cotidiano. Nesse sentido, o quintal pode ser entendido como uma paisagem em processo, cuja forma é continuamente atualizada pela vida que nela se inscreve.

Em segundo lugar, o quintal aparece como âmbito de formação sensível, experiência da paisagem, especialmente na infância. A possibilidade de brincar, correr, explorar e experimentar riscos cotidianos em um espaço protegido evidencia o quintal como território de aprendizagem relacional e imaginativa. Ao mesmo tempo, marcas dessa experiência permanecem ao longo da

vida, seja na repetição de espécies e práticas herdadas (como a presença de parreiras, hortas e árvores de tradição familiar), seja na busca por espaços abertos que mantenham o contato essencial com o céu, a luz, o horizonte. O quintal é, assim, lugar de continuidade afetiva e cultural, no qual a paisagem se constitui na articulação entre memória e presença.

Por fim, a análise aponta o quintal como lugar de contemplação e descanso, capaz de operar como pausa no cotidiano urbano contemporâneo. As descrições relativas ao céu, à luz e sombras, ao escuro desejado e ao convívio com a natureza revelam uma experiência de desaceleração e reconexão que contrasta com a lógica produtivista e com a expectativa de controle total da realidade. Mais do que um jardim planejado, o quintal se mostrou como espaço de encontro com o *outro* – o não-humano, o fora de si, o clima, os ciclos, a imprevisibilidade – e, portanto, como paisagem vivida que resiste à redução do espaço a métricas rígidas de eficiência e funcionalidade.

Como contribuição ao ENEPEA, a leitura do quintal como paisagem cotidiana – não como resíduo espacial do lote, mas como campo de experiência sensível, memória e encontro – amplia o repertório do paisagismo para além dos espaços públicos consagrados, aproximando-o dos modos ordinários e não hegemônicos de habitar. Estudos futuros podem aprofundar esse percurso ampliando o recorte empírico para outras tipologias de moradias e contextos sociais, bem como essas qualidades do quintal aqui exploradas podem contribuir para práticas projetuais mais abertas ao cotidiano e às formas de apropriação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIEFFO, Claudio. **Canzone del Melograno**. In: CHIEFFO, Claudio *A tutti parlo di te vol.2*. 2017 Faixa n.17. Disponível em: https://open.spotify.com/intl-pt/track/5SvmYqMcs994gzi22vbpIt?si=5f9787eb991143da Acesso em: 03 mar. 2026

QUEIROGA, E. F. Da relevância pública dos espaços livres: um estudo sobre metrópoles e capitais brasileiras. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 58, p. 105-132, 2014. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/82387/85364 . Acesso em: 03 mar. 2026

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BARTALINI, V. **Paisagens surgentes. 2018**. Tese (Livre Docência em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Capítulo 1. p. 21-57. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/16/tde-05042019-142108/pt-br.php . Acesso em: 09 mar. 2026.

BRANDÃO, Sílvia Regina Rocha de Campos. **O método formativo de Alfonso López Quintás**: fundamentos filosóficos e experiência educativa. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação) -Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.